

Dillo traz instrumental carregado de raízes africanas em “GUITARRAFRIKA”

Em uma imersão cultural densa, disco vem carregado de muita dança e referências

O músico brasileiro **Dillo** alça voos que outrora postergou. Em seus trabalhos anteriores, como na canção **Mamãe Mamãe**, na qual fazia parte do seu disco homônimo (ouça aqui), lançado em 2016, teve a chance de ver sua condição de simples compositor lírico ser reconhecida entre prêmios e outros. Contudo, o músico retorna com seu quinto trabalho, intitulado **GuitarrÁfrika**. Seu retorno foi introduzido com o clipe de “**Maboniger**”, que, junto com o disco cheio, está disponível em todas as plataformas digitais.

OUÇA AQUI: <https://tratore.com.br/smartlink/guitarrafrika>

ASSISTA “MABONIGER AQUI”: <https://youtu.be/zCFaQ3-Sj1w>

Definido pelo próprio como "música instrumental voltada para dança", o álbum é esteticamente costurado pelas guitarradas do Pará, porém tocadas sobre matrizes rítmicas africanas. As oito faixas foram resultado de uma imersão na cultura musical africana e do caribe negro, feita pelo guitarrista brasileiro em viagem recente a África do Sul, onde o músico pôde conhecer de perto a Oil Can Guitar (guitarra feita com lata de óleo nos anos 1970) lá teve contato e gravou com músicos de diferentes regiões do Continente, e compôs todos os temas apresentados no disco. Em termos gerais, pode-se dizer que GuitarrÁfrika resulta da Fusão de guitarrada brasileira com afrobeat.

“Mergulhei obsessivamente para tentar entender um pouco dessas tantas guitarras com sotaque do gigantesco continente matricial. Em 2018 fomos para a África do Sul, eu e minha companheira, respirar um pouco dessa cultura. Lá entre as várias descobertas, conheci a oilcan guitar, guitarra feita com as sobras de galões de petróleo. Neste tipo de instrumento foi moldado o alicerce das guitarras afro elétricas.”, reitera Dillo.

Como todo rapaz latino americano, seus referenciais até então vinham da guitarra de Jimi Hendrix e Eric Clapton, contudo também cresceu em um ambiente verdadeiramente brasileiro, onde a lambada e a guitarrada amazônica estavam em temas de novela e festas populares, o que refletiu muito no trabalho atual. “Na fase de pesquisa de repertório, comecei a ouvir o violão de Heitor Villa Lobos, o caribe de Ernest Ranglin, os novos e os velhos baianos.

Tentei olhar para dentro e ver que tipo de guitarra habitava em mim, se era a do Led Zeppelin e Deep Purple (que amo e está no meu DNA) ou se eram as levadas guitarrísticas de mestre Vieira e sua barcarena fantástica. A síntese dessa pesquisa apontou os caminhos da guitarra africana. Sorte a minha ter amigos como DJ Pezão e Barata do coletivo Criolina, que me apresentaram várias sonoridades que não haviam chegado no Brasil ainda: música de matriz afro principalmente.”

Gravado em diversos estúdios do mundo, especificamente em Brasília, São Paulo, Joanesburgo e Cidade do Cabo, GuitarrÁfrika contou com banda base em todas as faixas, formada por Robinho Batera e Lucas Tufas, que além de gravarem o disco são os membros do trio nos shows. Inclusive, ao vivo a banda é acompanhada por projeções acima dos músicos que envolvem a sonoridade com a experiência visual, fazendo, assim, a imersão à própria essência do artista ser completa.

Com todo o carinho, Dillo finalmente traz esse resultado ao mundo. Segundo o próprio guitarrista, é recomendado apreciar sem moderação no volume máximo, com alegria e exaltação às raízes do nosso país.

Faixa-a-faixa por Dillo

Essa viagem rendeu vários temas, ritmos, melodias entre outras tentativas de flerte com a música Tuareg (oriunda de uma África muçulmana). O afrobeat, o jou jou, o semba. Nove músicas nasceram formando a camada principal do álbum batizado de **GUITARRAFRIKA**.

Sahare: um galope acelerado bem ao estilo dos cavalos do deserto da África Oriental. Esse nome vem da fusão de Harare, região que atravessamos de van, com Saara, entre outros Egitos.

Timoragama: essa é a mais guitarrada de todas, vai de Belém do Pará a Salvador. Do Caribe negro ao samba duro, em uma envolvente faixa de três minutos.

Maboniger: Não existe panorama de música afro sem citar o estilo afrobeat, aquele de Lagos, de Benin. Terceira música cujo nome presta homenagem a dois locais de efervescência criativa, o bairro de Maboneng, em Joanesburgo e a Nigéria (país de Fela Kuti). Essa música conta com a participação de **Nuno Mindelis**, principal guitarrista angolano em atividade e premiado mundialmente.

Tzaneg: a mais árabe de todas as faixas, a quarta música do álbum tem véu, ventania, e turbante. Conta com o banjo de **Samuel Mota**, produtor e compositor da banda Muntchako,

Agadessie: o reggae da Jamaica também se popularizou na África, e foi a partir daí que surgiu essa canção: um ska que lembra a Bachiana #5, para assim não faltar brasilidade.

Shidumali: nessa faixa é momento afrolatinidades do disco, consiste em um pulso de cumbia ameríndia contendo uma virada para um refrão a la Tony Allen.

Dayena: traz através de um tema romântico, um tom intimista de dança a dois. Preferencialmente se brindado com um vinho sul africano. A melodia sintetiza uma inspiração dedicada a minha companheira nessa viagem toda.

Karongana: seu nome da vem da cruza de Karongwe (uma das reservas que nos hospedamos no deep África) com Gana, país que tem uma levada de guitarra bem comum entre Brasil e África.

Moraba: fechando o disco, temos um semba, o avô do nosso samba. A melodia me veio a cabeça enquanto passava pela cidade de Moraba, que acabou por dar nome a essa, que vale destaque para o solo de congas de **Macaxeira Acioly** (Muntchako).

FAIXA TÉCNICA

Produção: Dillo

Gravação: Pedro Tavares (1234 Records, Brasília)

Mixagem e masterização: Daniel Felix (Mixruts)

Silverline Studios, Capetown, África do Sul 2019

Guitarra: Dillo Daraujo

Baixo: Lucas Tufas

Bateria: Robson Assis

Percussão: Macaxeira Acioli

Teclados: Samuel Mota

Convidado especial: Nuno Mindelis

Arte da Capa: Owen Lima

Foto: Anderson Barbosa